

Subversão do gay na tela: representação nas ficções seriadas¹

Gabriel Santos de MAGALHÃES²
Larissa Leda Fonseca ROCHA³

Resumo

Abarcando conceitos de teóricos como Courtine (2013) e Butler (2015), o questionamento primordial deste trabalho é investigar, sob a ótica das relações de gênero e das representações da virilidade aliados às práticas subversivas de gênero, como a homossexualidade é tratada no seriado norte-americano *Glee*. O interesse deste artigo é propor uma análise sobre o modo como o *gay* é apresentado e representado na tela do seriado a partir do abarcamento da teoria sobre o gênero e da construção do ideal de virilidade.

Palavras-chave: Subversão; Gênero; Ficção Seriada; Representação; Ficção Seriada

Considerações iniciais

O desejo sexual sempre esteve associado ao sexo biológico das pessoas e à sua forma de se comportar. De modo quase simbiótico, esses conceitos do imaginário social sobre como o sujeito deve se comportar no meio em que está inserido estão ligados à forma como são representados na tela aqueles que performatizam signos que o fazem subverter a ordem “natural”: os *gays*. É através desse encadeamento de representações que este artigo tem como proposta observar de que forma uma narrativa é influenciada pelo imaginário social que está calcado no patriarcado e nos argumentos da heteronormatividade e a heterossexualidade de forma compulsória. E como essa mesma narrativa pode impulsionar uma forma de subversão do homossexual.

Através de uma pesquisa sócio-histórica de como os princípios da virilidade significam e ressignificam na vida (e conseqüentemente na tela), a nossa pesquisa é formulada de modo a perceber como as mudanças de comportamento sociais impulsionaram a forma do *gay* ser representado de forma subversiva.

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo do XVI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante do 4º semestre do Curso de Comunicação Social/UFMA - habilitação Rádio e Televisão. E-mail: magalhaessantosgabriel@gmail.com

³ Doutora em Comunicação Social pela PUC-RS. Professora Adjunta do Departamento de Comunicação Social da UFMA. Coordenadora do projeto de pesquisa financiado pela Fapema “As Heranças dos modos de contar: sobre matrizes culturais na conformação das narrativas das telenovelas brasileiras”. Coordenadora do Núcleo de Pesquisa Observatório de Experiências Expandidas em Comunicação - ObEEC. Membro do Núcleo de Pesquisa Comunicação Midiática e Institucional. Editora da revista *Cambiassu*, do Departamento de Comunicação Social da UFMA. E-mail: larissaleda@gmail.com

A construção da virilidade

Este trabalho tem como objetivo pensar como o sujeito homossexual é representado a partir dos princípios da virilidade em um dos modelos narrativos mais produzidos e consumidos no audiovisual: o seriado. Para além disso, é proposto ainda uma investigação do modo como o *gay* da ficção seriada do nosso objeto é subversivo durante a narrativa. Para isso, observaremos de que forma no meio do social as maneiras de se comportar, os modos de viver socialmente, são categorizados entre aquilo que é exigido, permitido ou interdito para cada um dos gêneros.

Inicialmente, buscamos compreender como a ideia de virilidade foi construída para chegar-se ao questionamento de que forma as implicações desse “valor” imposto aos homens estipulam atribuições pré-estabelecidas de gênero a todos que se identificam como tal, mas que de alguma forma subvertem a condição que socialmente já lhe estava estabelecida desde o nascimento. Através dos séculos a virilidade foi ostentada como característica primordial, fundamental e de maior importância para o ser masculino. O conceito de virilidade está intimamente ligado à ideia do que é ser homem e como este gênero deve se comportar. Há uma determinação desde o nascimento de um bebê do sexo masculino de que este terá sua sexualidade incentivada para dominar o sexo feminino. A forma como a sexualidade de um ser humano vai ser explorada já é dita pela sociedade desde o conhecimento do seu sexo biológico. E com essa sexualidade já posta sobre o corpo masculinizado, a virilidade se faz presente como atributo essencial.

Para se chegar à compreensão das características que compõem a noção de virilidade é necessário, inicialmente, compreender o gênero como uma construção social e a partir de quais formas são atribuídos características a cada um dos gêneros. A diferenciação entre o masculino e o feminino está intimamente ligada a um regime heteronormativo que prega uma heterossexualidade compulsória que está acima das identidades sexuais individuais e pode ser instrumento de controle social quando há um regime instaurado que entende que o desejo sexual e o comportamento são consequência do sexo anatômico, primórdio (segundo essa linha de pensamento) do que vai circunscrever o ser masculino e o ser feminino; esse viés do binarismo de gênero conduz e contribui cada vez mais para a heterossexualidade compulsória, pois, o gênero masculino só aparece como existente na diferenciação

do gênero feminino. O gênero é conhecido a partir da relação com o outro. A existência do feminino é necessária para que o masculino apareça e se estabeleça como diferente do primeiro. Mais uma motivação para questionarmos-nos como é permitido que um ser social e cultural pode ter seu gênero definido pelo seu sexo anatômico, já que segundo Butler (2015), o gênero está inscrito sobre o corpo, mas não está intrínseco à ele.

Recusada a presunção da existência de algum tipo de fonte pré-categórica de ruptura, ainda será possível dar uma explicação genealógica da demarcação do corpo como essa prática significativa? Tal demarcação não é iniciada pela história reificada ou pelo sujeito. É resultado de uma estruturação difusa e ativa do campo social. Essa prática significativa efetiva um espaço social para o e do corpo, dentro de certas grades reguladoras da inteligibilidade. (BUTLER, 2015, p. 226)

Ainda sob a ótica da observação de Butler (2015), a relação de poder que foi constituída no âmbito do sexo com o passar das civilizações, contribuiu e reforçou o que foi – e ainda é – atribuído a cada gênero. Tomando as relações sexuais também como um regime de poder – no qual o sexo masculino domina o feminino – a sujeição de um sobre o outro acaba por determinar o comportamento que cada um terá que exercer socialmente. Tais designações perpassam até a profissão que o homem poderá ou deverá exercer na sociedade, construindo uma ideia de que há habilidades laborais pré-determinadas para homens e mulheres. Courtine (2013) observa tal questão quando tece considerações sobre a relação do homem com o serviço militar.

A instrução militar, o treinamento dos soldados do século XX, de uma dureza muitas vezes impiedosa dentro das unidades de elite, teria contribuído de modo fundamental para a “virilização” dos soldados ao forçá-los – por pressão do enquadramento, pressão do grupo, pressão também sobre si mesmo – a interiorizar o conjunto dos gestuais e das representações de si, dos outros, das mulheres que estrutura o *habitus* militar-viril. (COURTINE, 2013, p. 247)

Essa relação do homem com as atividades que exerce socialmente é trabalhada de forma clara no seriado norte-americano *Glee*⁴. Enquanto o mais másculo é líder do time de futebol americano (atividade dita masculina), o homem afeminado é inicialmente recusado no mesmo time por não responder às expectativas, já que,

⁴ *Glee* é uma série de TV norte-americana, produzida por Ryah Murphy para a *Fox Broadcasting Company*, trata-se de um musical que trata assuntos de “comédia dramática” e “comédia romântica”.

julgado pelo grupo como incapaz, é uma pessoa de índole orientação sexual duvidosa (os companheiros de time demonstravam medo de estar no mesmo espaço físico que o rapaz afeminado por medo de serem atacados sexualmente). Além disso, como o rapaz pertence a um dos clubes de arte da escola, os garotos heteronormativos temem que o espaço deles (másculo e agressivo, logo viril) seja invadido por alguém que tem mais afinidade com atividades nas quais a tônica é a da sensibilidade.

Não basta ao homem, portanto, ser masculino. Desde os mais antigos regimes de poder até a chegada da democracia o homem precisa, principal e primordialmente, ser viril. As atribuições de gênero e a história da virilidade estão intimamente ligadas e é essa característica que acaba por permitir ao homem um exercício de dominação que, longe de ser algo natural, está profundamente atrelado à uma cultura imposta com violência. “Esta dominação masculina não surge de um estado de natureza, mas que ela está profundamente inscrita no estado da cultura, da linguagem e das imagens, dos comportamentos que estas coisas inspiram e prescrevem” (COURTINE, 2013, p. 8).

A virilidade pode ser percebida como atribuição fundamental ao gênero masculino quando durante o século XX – principalmente após o surgimento das correntes feministas e a subversão das identidades sexuais – ela entra em crise e instaura-se um movimento de reafirmação dessa virilidade atrelada a uma forma de poder do masculino sobre o feminino. Retomando a questão do poder democrático, mesmo num regime supostamente criado para ser igualitário a dominação masculina é instaurada por vezes de forma insidiosa, por outras ostensiva.

Subversão do gay

Há para além daqueles que reproduzem deveras o discurso de macho e fêmea a partir da lógica heteronormativa, há aqueles que subvertem a ordem e negam não sua própria condição, mas criam uma nova que lhes apetece melhor. São os que fogem ao “curso natural das coisas” – como é considerada a heterossexualidade a partir de uma lógica na qual a heteronormatividade organiza-se de forma compulsória. São os gays, transexuais, transgêneros, travestis, lésbicas, enfim, todo sujeito que não se identifica com o sistema já instaurado e opõe-se ao que é pregado por desejar assumir e reafirmar uma identidade que, afinal, é marginalizada por uma sociedade que faz apoio ao regime heteronormativo. Esse movimento de ir contra o

regime imposto por uma sociedade patriarcal – que, por sua vez, também é machista e homofóbica – ganhou força a partir de um movimento fomentado por teóricos que estudavam a questão do gênero já na década de 1980, a chamada teoria *Queer*. O “*queer*” refere-se a um termo em inglês (antes) pejorativo usado para designar toda pessoa que foge dos estereótipos de gênero. No Brasil, em tradução livre, podemos dizer que é o equivalente a “veado”, “bicha”, “boiola”, entre outros tantos. Porém, a teoria veio como forma de reafirmação dessa identidade (empoderamento de um grupo social que não deixaria mais...), a partir de um viés da tomada de posição de uma classe que não deixaria mais ser diminuída pelo que é.

Podemos fazer um paralelo entre o nascimento da teoria *queer* com a “desvirilização” (afastar-se do que caracteriza o homem viril) do herói nos filmes hollywoodianos. O cinema norte-americano tinha a prática de fetichizar seu herói, ainda mais por ter tido um grande movimento de produções pornográficas ainda no seu início com direito a exibição em bordéis como característica no que tange à representação masculina. Esse modo de representar o homem-herói estava muito ligado ao corpóreo, ao que estava no corpo masculino que indicava a sua virilidade: os pêlos, a voz grave, a roupa que deixava ressaltados os músculos e parte do corpo nu mostrando que a afloração do desejo sexual ligada à nudez era um ato permitido aos homens (o que às mulheres era negado). Contudo, o herói americano viril que no início tinha a intenção mais de ser uma projeção do real acabou por se tornar mais uma expressão do que seria o imaginário popular de uma virilidade inalcançável. A partir disso a imagem do herói na tela já não instigava tanto assim seu público. Courtine (2013) nos chama a atenção para um momento de mudança no qual herói antes viril e inatingível passou a ter sua virilidade ferida e questionada. O ponto de virada foi que o herói passou a sentir, ter fracassos, o que não significou que “não ser” dessa forma fosse representado como uma qualidade. Em inúmeros filmes e séries produzidos nos Estados Unidos – objeto de análise de Cortine (2013) – o herói que tem sua virilidade abalada de algum modo encontra seu maior conflito exatamente neste ponto: não ter competência para continuar sendo o chefe de uma família, ser rebaixado no emprego, perder o amor para um homem mais capaz. Apesar de ter havido uma mudança na representação da virilidade, esta passou a fazer parte de uma projeção do imaginário social.

Não coincidentemente quando o herói tem sua virilidade questionada é justamente no momento no qual surgem as ficções científicas com foco no super-herói, no homem que pode tudo porque tem poder e força para além dos limites humanos. Algo inatingível, acima do comum e que tornaria o super-herói um homem comum se ele fosse expropriado dessa qualidade. As armaduras, os super poderes, a força sobre-humana, a influência na sociedade e a capacidade de resolver todos os problemas de forma não tão dolorosa já eram questões apreendidas pela sociedade como longe da realidade, pois o natural já não era mais o homem ser completamente viril, mas estar sempre em busca disso (nunca retroceder). Então, para além de um divertimento, além das questões de entretenimento, a figura do super-herói no cinema aparece como o símbolo do que imaginário social configura como o homem ideal, o homem viril. Porém, após toda essa reconfiguração de como apresentar na tela a virilidade aliado ao aparecimento da teoria *queer* e apesar da sociedade em geral ainda idealizar um modelo de masculino, o homem gay começou a ter espaço no meio audiovisual por também questionar o que lhe era imposto em uma estrutura de poder na qual a sociedade estava em cima e ele em baixo. A teoria queer colaborou para os que não se sentiam representados e achavam que não o mereciam pudessem reparar tal situação e produzir novas formas de pensar o próprio corpo e como há uma construção de atribuições de gênero inscrita em seu corpo e na forma como ele é mostrado.

Longe do ideal e proximidade ao feminino

Diante do que Judith Butler (2015) chama de heteronormatividade compulsória e pensando que há aqueles que subvertem essa “ordem” que tem tamanho poder sobre a atribuição dos papéis do masculino e do feminino, o homem que não assume seu papel e rejeita o lugar que a ele fora reservado desde o seu nascimento é rechaçado pelos demais homens de um grupo que performatizam atributos de virilidade. O grupo de homens funciona mais ou menos como uma ordem de fato. Uma pessoa que nasce biologicamente categorizado como homem já vem ao mundo com inúmeras provas pelas quais tem que passar, tais como: não chorar quando criança, não se envolver em atividades mais sensíveis, sentir atração pelo gênero (e sexo) feminino e impor sua virilidade desde sempre quando encorajado pelo próprio pai (referência do masculino) a “falar grosso” com símbolo da sua capacidade viril. Entretanto, se ao homem são negados tanto estilos de

comportamento, à mulher é oferecida toda a liberdade para expressar suas emoções (desde que não passe por cima das vontades masculinas). A heteronormatividade impõe uma série de padrões a serem seguidos, organizados a partir de coerções, proibições e incentivos específicos e delimitados a cada um dos gêneros. Visto de outra forma: ao passo que aos homens é dada a liberdade sexual e esta é incentivada, à mulher lhe é tolhida toda e qualquer tipo de manifestação da sua sexualidade e mais ainda quando se trata de uma sexualidade que “desvia” da sexualidade padrão heterossexual. E todo esse pensamento incrustado na sociedade é escondido sob o véu da história, como bem observa a autora:

A autojustificação de uma lei repressiva ou subordinadora quase sempre se baseia no histórico de como eram as coisas antes do advento da lei, e de como se deu seu surgimento em sua forma presente e necessária. A fabricação dessas origens tende a descrever um estado de coisas anterior à lei, seguindo uma narração necessária e unilinear que culmina na constituição da lei e desse modo a justifica. (BUTLER, 2015, p. 72)

O imaginário patriarcal é tão fortemente justificado por quem o dissemina que o sujeito que destoa do que é pregado comum a todos acaba por sofrer retaliação. Segundo a justificativa dessa maneira de pensar o gênero, é como se o mundo já estivesse estabelecido desde sempre por um binarismo de gênero que antes estava sob controle, mas que com as teorias contemporâneas que pensam essa questão livremente acabaram minimamente, por desorganizar certezas tao fortemente estruturadas. As relações acabam por sair prejudicadas, pois um homem não aceita um homem perto de si que não compactue com aquilo que ele entende por ser homem.

Retornando ao que tange à busca incessante à uma virilidade impossível de ser alcançada – vide a representação desta em sua totalidade pelo o que está acima do humano (super heróis) – os homens são condicionados a serem frustrados por não conseguir alcançar aquilo que tanto se espera desse grupo. Assim, é possível perceber que não dificilmente um homem frustrado por não conseguir aquilo que ele tem como dever de vida não entende como um “dos seus”, ou pertencente à mesma “espécie”, um outro que também deveria ter o mesmo objetivo e por consequência a mesma frustração subvertendo tudo o que historicamente lhe é colocado como

obrigação. Um dos conceitos de traição, segundo o dicionário Aurélio Online⁵ é “quebra aleivosa da fé prometida e empenhada”. Partindo do pressuposto que a sociedade tem fé no homem de que este será viril e corresponderá às atribuições do dito masculino, a subversão é um ato de traição.

O ato de um gay subverter a ordem, segundo a lógica patriarcal, é além de traição, um ato de rebaixamento da própria classe. Perguntar-se de que maneira um homem pode renegar o que é seu, socialmente, por direito e se aproximar de algo mais baixo e que não condiz com sua própria existência é compactuar com o pensamento de que tudo se acaba no nascimento e que nada é inscrito socialmente sobre o gênero masculino. A condição de homem é imposta como maior e mais forte perante as das mulheres e o fato de um corpo que nasceu para ser masculinizado se aproximar do feminino é uma aproximação com o que está socialmente abaixo da ordem masculina. E essa aproximação do que seria do âmbito das mulheres se dá de variadas formas, para citar algumas: trejeitos “femininos”, roupas “femininas”, comportamentos e interesses “femininos”.

Representação da virilidade nos seriados

Como objeto de análise, escolhemos o seriado norte-americano *Glee* por se tratar de uma série amplamente conhecida do grande público e que aborda a temática gay de forma mais “livre”, dito de outra forma: que não responda completamente ao padrão heteronormativo vigente. Em *Glee*, apesar de se tratar de um seriado com temática adolescente por conta do meio em que está inserida a narrativa, o que tornaria mais fácil reproduzir conceitos patriarcais (vide que no período da adolescência é muito mais fácil alguém sofrer ingerências sociais exteriores), mas que opta por abordar de outra forma. A história se passa dentro de uma escola que seria o Ensino Médio no Brasil e foca em dois grupos sociais muito específicos dentro de um mesmo espaço: o *Glee Club* (coral) e o time de futebol americano. A escola usualmente é um lugar de reforço das atribuições de gênero e representa-la em uma série de televisão pode ser um risco por cair na concordância com o estilo patriarcal em que o ambiente escolar também está incluído ou tentar fazer isso de forma que fuja aos padrões; *Glee* optou pela segunda opção. Não que os “estereótipos” que reforçam o binarismo de gênero não estejam ali, mas a maneira como eles são trabalhados durante a narrativa caminham senão para uma

⁵ Disponível em: <<https://dicionariodoaurelio.com/traicao>>. Acesso em: 10 jul. 2016.

desconstrução, ao menos para um questionamento dos mesmos. Logo no início da primeira temporada, o personagem Kurt (Chris Colfer) mostra, tanto por seu comportamento, quanto pelo que fala, que seu desejo é homossexual. Mesmo sem ser “assumido”, o adolescente sofre pelas mãos dos homens mais fortes e mais viris uma extrema retaliação por se aproximar do comportamento que seria de uma mulher. Uma cena recorrente nesse início de temporada é o Kurt, que faz parte do coral da escola, se deixar ser jogado em um lixo pelos colegas mais poderosos. Mais poderosos porque, se os homens exercem uma dominação sobre o feminino por meio de um poder conferido a ele e o Kurt se aproxima do feminino, logo, os rapazes mais másculos exerciam poder sobre ele, que aceitava passivamente os ataques – até para tentar rejeitar a própria condição de homossexual por um desejo de ser o esperado por seu pai, que episódios a frente aceita o fato de Kurt ser gay e ajuda o filho a passar por cima de toda a exclusão dos colegas. A ideia de o homem se separar do que seria ideal e se aproximar da condição de feminino, no caso de Kurt, estava ligado bastante às vestimentas que ele usava, à sua fixação com a beleza, mas principalmente à sua sensibilidade. Contudo, a reviravolta da história acontece quando Finn (Cory Monteith), líder do time de futebol americano, firma um acordo com a escola para resolver pendências e a partir desse acordo ele passa a integrar o grupo de coral *Glee Club*, o tão renegado pelos outros estudantes. Finn, apesar de conflitos e fracassos como todo herói das narrativas norte-americanas, é a representação quase caricatural da virilidade: másculo, heterossexual, praticante de atividades consideradas masculinas pela heteronormatividade, musculoso, e por ser tudo isso, popular em uma nação onde o sucesso e a aprovação social é demasiadamente importante. Pois, em um ambiente adolescente, inseguranças e conflitos podem servir também para mostrar a virilidade de um homem.

Quando um corpo se transforma em fato social graças aos poderes do cinema, ele se torna experiência de todos e de cada um, intensificando sua percepção, e adquire a potência de cristalizar e de dizer as expectativas, os medos ou os valores de uma sociedade. Um corpo se faz *punctum* de um tempo histórico e de um espaço social, trazendo e sua força (viril) ou em sua fraqueza (a “desvirilização”) o poder de engendrar uma representação de si coletiva. (COURTINE, 2013, p. 520)

A fraqueza do herói da série, apesar de exercer uma colaboração para que haja identificação com seu público, não consegue se enquadrar no meio em que o próprio está inserido. Porém, quando Finn sai de um ambiente dominado por

homens e tido como “bruto” como é o futebol americano para se dedicar a uma atividade mais da ordem da sensibilidade, e, portanto, culturalmente ligada ao universo feminino, ele sofre uma completa rejeição por parte dos companheiros de time e acaba perdendo sua influência popular na escola. Ele passa a ser mais um dos meninos que sofrem *bullying* corriqueiramente durante a série só porque integram uma atividade que, sob a lógica da heteronormatividade, é da ordem das mulheres. Finn sai da condição de dominador (homem viril) para a condição de dominado (aproximou-se do feminino).

Considerações finais

As questões levantadas por este artigo são pertinentes ao início de uma pesquisa científica, desenvolvida dentro do Núcleo de Pesquisa Observatório de Experiências Expandidas em Comunicação (OBEEC) da UFMA, que objetiva fazer um acompanhamento da maneira de como o homem homossexual e que performatiza signos considerados pela sociedade heteronormativa como femininos é representado nas diferentes narrativas seriadas. Inicialmente a pesquisa foca-se em um seriado adolescente, mas em suas fases posteriores, investigarmos se essa representação é coerente com demais “caricaturas” do *gay* que são replicadas ao longo de várias outras narrativas seriadas.

A hipótese do nosso trabalho – a de que o *gay* é representado respeitando os princípios da virilidade no seriado *Glee* – não se confirma na sua totalidade. Pois, ao passo que o personagem Kurt subverte esses princípios (negando nossa hipótese), na terceira temporada do seriado, um personagem completamente moldado nos princípios estéticos da heteronormatividade “se torna” homossexual e a abordagem nesse caso é feita de maneira diferente, pois se trata de um rapaz, que mesmo sendo *gay*, performatiza signos viris. Então, a subversão do homossexual só acontece quando ele se coloca como uma proximidade do feminino em um corpo pensado socialmente para ser masculinizado? Este é o questionamento que perpassa agora sobre nossa ideia de como o *gay* subversivo é representado.

REFERÊNCIAS

- COURTINE, Jen-Jacques. et al. **História da virilidade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013, v. 3.
- BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2015.

